



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

HIVANA EVELLY SERPA DE MESQUITA

**A ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA PSICOTERAPIA NAS AÇÕES DE
BIBLIOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DOS ARTIGOS INDEXADOS NA
BRAPCI ENTRE OS ANOS DE 1972 E 2017**

FORTALEZA

2018

HIVANA EVELLY SERPA DE MESQUITA

AANÁLISE DOS ELEMENTOS DA PSICOTERAPIA NAS AÇÕES DE
BIBLIOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DOS ARTIGOS INDEXADOS NA
BRAPCI ENTRE OS ANOS DE 1972 E 2017

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a conclusão da disciplina Monografia II.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Virgínia Bentes Pinto.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M544a Mesquita, Hivana Evely Serpa de.
A análise dos elementos da psicoterapia nas ações de biblioterapia : uma revisão integrativa dos artigos indexados na BRAPCI entre os anos de 1972 e 2017 / Hivana Evely Serpa de Mesquita. – 2018.
60 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto.
1. Biblioterapia. 2. Revisão Bibliográfica Integrativa. 3. Biblioterapia – atividades práticas.
4. Elementos da psicoterapia. I. Título.

CDD 020

HIVANA EVELLY SERPA DE MESQUITA

AANÁLISE DOS ELEMENTOS DA PSICOTERAPIA NAS AÇÕES DE
BIBLIOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DOS ARTIGOS INDEXADOS NA
BRAPCI ENTRE OS ANOS DE 1972 E 2017

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia do Departamento de
Ciências da Informação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para a conclusão da disciplina Monografia
II.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Odete Máyra Mesquita Sales (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Heliomar Cavati Sobrinho (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Fátima e Mesquita, pelo amor dedicado todos esses anos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me dá sabedoria para lidar com as adversidades no âmbito acadêmico e pessoal, fazendo não me abalar com as atitudes dos outros e focar em fazer o bem, em amar e enxergar o outro. Obrigada pela paciência, pela determinação e por manter meu coração sempre abastecido de amor e de sonhos por um mundo melhor.

Ao meu mentor espiritual, por estar comigo todos os dias, não me deixar desistir quando a vida se mostra cruel e sempre me proteger dos males do mundo. Agradeço do fundo do meu coração por me abastecer de energia boa. Namastê!

Ao meu pai, que infelizmente não pode estar fisicamente ao meu lado para comemorar essa nossa conquista, pois seu sonho era me ver entrando na Concha Acústica de beca e com meu diploma, porém está comigo em cada passo, em cada gesto, em cada sorriso e em cada ato solidário. Obrigada por sempre investir na minha educação, pelos anos me levantando cedo para me deixar na UFC, pelos abraços desajeitados mas cheios de amor. Obrigada por ter sido o melhor pai. Te amarei eternamente.

À minha mãe, pela paciência com os estresses causados pelos finais de semestre e pela escrita desta monografia, pela preocupação quando chegava tarde da UFC, por sempre ir me deixar na parada de ônibus, pelo apoio incondicional para minha formação acadêmica e por ser essa mulher guerreira que ama as filhas como ama a própria vida. Te amo demais, mãe!

Ao meu noivo Alex, por tido paciência durante esses cinco anos, tendo que muitas vezes abrir mão de momentos comigo para eu estudar. Já disse o quanto você é essencial na minha vida. Obrigada pelo seu amor, seus conselhos e broncas, e por sempre acreditar no meu potencial, como também pela paciência com minha ansiedade.

À minha “irmã”, Fabiola. Agradeço por Deus ter te colocado na minha vida, sendo um exemplo de mulher, mãe e filha; sabes que é minha segunda mãe e por isso agradeço por interceder por mim sempre que possível. Obrigada por cuidar de mim.

Às minhas sobrinhas, Leticia e Beatriz, por alegrarem meus finais de semana. As vezes a titia perde a paciência porque precisa estudar e as bebês não fazem silêncio, mas vocês são essenciais na minha vida, sendo muitas vezes a razão da minha sanidade mental. Amo vocês!

À Lola. Obrigada por ter sido minha terapia nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, professora Virgínia Bentes Pinto, por ter me guiado na realização desta pesquisa, me proporcionando amadurecimento científico. Agradeço pela sua dedicação comigo e pelo amor à profissão, porque a senhora é um exemplo para mim, me mostrando o quanto a leitura é importante no processo de terapia, mais especificamente na biblioterapia. Deus lhe ilumine.

À minha banca, composta pelas Professoras Odete Máyra Mesquita Sales e Maria Áurea Montenegro de Albuquerque Guerra e ao Professor Heliomar Cavati Sobrinho, por me darem a honra de tê-los como avaliadores e por aceitarem com muita animação o convite de participar na defesa.

Aos meus amigos: Ezequiel Escobar (pelo apoio “psicológico” e normativo), Natanna Santana (obrigada pelas dicas e pela atenção constante), Amanda Ribeiro (sua presença na minha vida foi fundamental, agradeço por acreditar sempre na minha capacidade), Waldiane Chaves (sou grata pela sua amizade e pelas orientações de psicóloga), Robson Souza (obrigada pela ajuda e por torcer por mim), Eric Tabosa (obrigada pela força, pelas confidências e pelas piadas bestas), Nádia Helena (agradeço pelos conselhos, pelas dicas e pelo apoio), Patrícia Cavalcante (obrigada pelos livros de biblioterapia, eles foram fundamentais para essa monografia), Rayane Riccato (apesar da distância que nos separa, você me ajuda demais, amiga), Albertan e Fernando (muito obrigada pelo aporte espiritual, sem vocês eu não teria tanta tenacidade para lidar com a vida), Nathalie e Germana (embora não nos vejamos com frequência, agradeço pelo carinho e pelo apoio), Izabelle Vieira (obrigada pelos momentos de descontração e por sempre ouvir meus desabafos) e Vanessa Vieira (agradeço pelo incentivo e pelas boas risadas).

À Universidade Federal do Ceará, pela assistência administrativa, técnica e pedagógica. Agradeço intensamente a Fábria, Luzirene (Lu), Gil, Roberto, Cristiano, tio e tia da tapioca, e Cícero, assim como à Biblioteca de Ciências Humanas (BCH), especialmente à bibliotecária Juliana, a qual me deu suporte acadêmico.

Aos professores que ministraram disciplinas fundamentais para minha formação: Gabriela Belmont, Fátima Costa, Adriana Nóbrega, Antonio Wagner Chacon, Laiana Sousa, Arnoldo Nunes, Jefferson Veras, Tadeu Feitosa, Márcio Assumpção e Osvaldo de Souza. Em particular, a Giovanna Guedes, a qual me deu incentivo para a escrita desta monografia e me fez ser uma profissional melhor.

À equipe do SENAC. Obrigada a Katiuscia, Samira, Mariana, Ângela, Anderson, Magda e dona Francisca, pela oportunidade de trabalhar diariamente com vocês durante dois anos. Obrigada por todo o apoio e pelos ensinamentos. Jamais esquecerei dessa experiência tão rica.

À Biblioteca Universitária da UFC, por me proporcionar a primeira experiência em um centro de documentação. Agradeço especialmente a Jonatan, Nirlange, Diana, Fabiola, Rosiane e Rômulo por serem excelentes profissionais e terem me recebido com tanto carinho durante esses meses de bolsa.

À Associação Pró-Idoso (ACEPI), principalmente a Márcia pela dedicação ao fazer nosso almoço e pelo carinho imenso que sempre senti ao adentrar a instituição. Essa experiência foi fundamental para desenvolver minhas habilidades de gestão.

À Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará (ESMEC), pelo acolhimento e por me fazerem sentir tão importante, me proporcionando oportunidades tanto na área de biblioteconomia, quanto na área pedagógica-administrativa. Obrigada ao Dr. Ângelo Bianco Vettorazzi por acreditar na minha capacidade independente da atividade desenvolvida, não tratar ninguém com distinção e ser um gestor sempre preocupado e em sintonia com sua equipe; sorte da ESMEC! À Socorro Martins por ser tão gentil comigo e confiar em mim para cuidar dos assuntos da biblioteca, me deixando sempre a par dos procedimentos, e pela contribuição como bibliotecária. À Jucélia pelo carinho, confiança e risadas tiradas durante as manhãs. Sua determinação é exemplo a se seguir. Ao Francisco Bezerra, por acreditar em mim e ser tão compreensível. À Euwláudia Figueiredo, pela sua simpatia, pelos elogios, compartilhamento de experiências de vida e pelas risadas. À Débora paz, pela delicadeza ao lidar com todos. À Rosângela, por ser tão meiga e amorosa (você é amada por todos!). À Joana D'Arc, pela sua energia e por confiar em mim. À dona Gessina Célia, pelo carinho enorme demonstrado todos os dias.

Obrigada à vida pelas experiências de cada dia. Obrigada, amigos espirituais.

RESUMO

Aborda a biblioterapia como alternativa de tratamento terapêutico, destacando os campos de atuação, a relação direta com o bibliotecário, o aspecto histórico desse domínio da Biblioteconomia. Apresenta a compilação de dados das aplicações publicadas entre século XX e XXI, observando a fundamentação teórica dos elementos da psicoterapia por meio da análise de artigos científicos que possuem as ações biblioterapêuticas como tema central de estudo. Tem o objetivo geral de analisar a existência de embasamento teórico dos elementos da psicoterapia nos estudos que contemplam as ações de biblioterapia implantadas entre 1972 e 2017 e publicados na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Os objetivos específicos são: investigar os estudos científicos sobre biblioterapia indexados na BRAPCI; verificar as formas de aplicação da biblioterapia entre os anos de 1972 e 2017; identificar a formação profissional dos autores que implementaram projetos e ações biblioterapêuticas e verificar a presença dos elementos da psicoterapia nas pesquisas sobre biblioterapia. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória e bibliográfica, adotando-se a Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI). O *corpus* da pesquisa reuniu 17 artigos publicados na BRAPCI, estabelecendo-se cinco categorias, de análises e interpretadas com subsídio nos conceitos e técnicas de implantação da biblioterapia. Na realização do estudo houve encaixe de publicação repetida, tendo em vista a natureza e quantidade de projetos abordados. Conclui-se que as ações de biblioterapia ainda não contemplam, em sua plenitude, os componentes psicoterapêuticos, fato que pode estar relacionado à baixa quantidade de bibliotecários com formação ou especialização em psicoterapia ou em psicologia.

Palavras-chave: Biblioterapia. Revisão Bibliográfica Integrativa. Biblioterapia – atividades práticas. Elementos da psicoterapia.

RESUMEN

Aborda la biblioterapia como alternativa de tratamiento terapéutico, destacando los campos de actuación, la relación directa con el bibliotecario, el aspecto histórico de ese dominio de la Biblioteconomía. Se presenta la compilación de datos de las aplicaciones publicadas entre el siglo XX y XXI, observando la fundamentación teórica de los elementos de la psicoterapia por medio del análisis de artículos científicos que poseen las acciones biblioterapéuticas como tema central de estudio. Tiene el objetivo general de analizar la existencia de embasamiento teórico de los elementos de la psicoterapia en los estudios que contemplan las acciones de biblioterapia implantadas entre 1972 y 2017 y publicados en la Base de datos de Periódicos en Ciencia de la Información (BRAPCI). Los objetivos específicos son: investigar los estudios científicos sobre biblioterapia indexados en la BRAPCI; verificar las formas de aplicación de la biblioterapia entre los años 1972 y 2017; identificar la formación profesional de los autores que implementaron proyectos y acciones biblioterapéuticas y verificar la presencia de los elementos de la psicoterapia en las investigaciones sobre biblioterapia. La metodología utilizada fue la investigación exploratoria y bibliográfica, adoptando la Revisión Bibliográfica Integrativa (RBI). El corpus de la investigación reunió 17 artículos publicados en la BRAPCI, estableciéndose cinco categorías, de análisis e interpretadas con subsidio en los conceptos y técnicas de implantación de la biblioterapia. En la realización del estudio hubo encaje de publicación repetida, teniendo en vista la naturaleza y cantidad de proyectos abordados. Se concluye que las acciones de biblioterapia aún no contemplan en su plenitud los componentes psicoterapéuticos, hecho que puede estar relacionado a la baja cantidad de bibliotecarios con formación o especialización en psicoterapia o en psicología.

Palabras-clave: Biblioterapia. Revisión Bibliográfica Integrativa. Biblioterapia - actividades prácticas. Elementos de la psicoterapia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Categorias temáticas da biblioterapia nos artigos analisados....	37
Quadro 2 –	Biblioterapia clinica nos artigos analisados.....	38
Quadro 3 –	Biblioterapia desenvolvida na educação básica.....	42
Quadro 4 –	Biblioterapia desenvolvida com universitários.....	45
Quadro 5 –	Biblioterapia implementada no desenvolvimento pessoal.....	47
Quadro 6 –	A biblioterapia aplicada na terceira idade.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A BIBLIOTERAPIA	14
2.1	A institucionalização da biblioterapia.....	17
3	DIÁLOGOS ENTRE A BIBLIOTERAPIA E OS ELEMENTOS DA PSICOTERAPIA	21
3.1	Catarse.....	22
3.2	Humor.....	23
3.3	Identificação.....	23
3.4	Introjeção.....	24
3.5	Projeção.....	24
3.6	Introspecção.....	25
4	O BIBLIOTECÁRIO EM AÇÕES TERAPÊUTICAS	26
4.1	Competências do bibliotecário como biblioterapeuta.....	28
5	METODOLOGIA DE PESQUISA	31
5.1	Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI).....	32
6	O ESTUDO EMPÍRICO: A BIBLIOTERAPIA NA PRÁTICA	36
6.1	Biblioterapia clínica.....	38
6.2	Biblioterapia na educação básica.....	42
6.3	Biblioterapia com universitários.....	44
6.4	Biblioterapia no desenvolvimento pessoal.....	47
6.5	Biblioterapia na terceira idade.....	48
7	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A leitura, em seu sentido mais elementar, é considerada a decifração de códigos e símbolos, porém esta definição não expressa sua essência, já que ler “é uma atividade dialógica, um processo de interação que se realiza entre o leitor e o autor, mediado pelo texto, estando todos os elementos envolvidos situados em um determinado momento histórico-social.” (CAMPOS, 2008, p. 10). O leitor não precisa ser alfabetizado, pois, o ato de ler não se restringe a palavras registradas em papel, tendo em vista que o ser humano lê desde a infância inconscientemente por meio da interpretação dos cenários a sua volta, podendo ocorrer na escuta de uma música, na observação de uma peça teatral, como também na apreciação de uma contação de histórias. O fundamental não é conhecer as palavras geradas pela junção de sílabas, mas interpretar uma situação, atribuir significado a ela e conseguir reproduzir uma nova ideia conseguinte de uma reflexão da leitura com suas convicções pessoais. Dessa forma, o sujeito se omite do papel passivo e passa a ter participação ativa nesse processo, conquistando a capacidade de produzir sentidos próprios.

Na área da saúde, a leitura também é uma grande aliada como apoio psicológico às pessoas hospitalizadas que estejam se confrontando com problemas psicológicos ou psicossociais. Nesse âmbito, a intenção é possibilitar que o sujeito possa se transportar para os personagens e com isso venha liberar as suas ansiedades, além de contribuir para o exercício da memória e da linguagem.

É nesse contexto que entra em cena o bibliotecário atuando como mediador no âmbito terapêutico, desenvolvendo o trabalho de biblioterapia. A Biblioterapia é considerada como uma subárea da Biblioteconomia com fundamentação na psicoterapia e responsável por utilizar a leitura como auxiliar no tratamento dos distúrbios psíquicos e comportamentais. Na atualidade, onde as pessoas são marcadas pela indiferença recíproca, pela preocupação excessiva e por pressões desenvolvidas no ambiente de trabalho e no contexto familiar, a biblioterapia vem sendo uma escolha cogitada. Uma de suas finalidades é incentivar a expressão de sentimentos, a superação de um problema e a aceitação de si. Considerando o processo biblioterapêutico muito importante no aporte às terapias convencionais e fundamentado teoricamente em componentes da psicoterapia, esta pesquisa propõe a seguinte questão: **como as práticas biblioterapêuticas, embasadas nos**

elementos da psicoterapia, estão sendo abordadas nos artigos científicos indexados na BRAPCI? O interesse por esse tema de pesquisa advém da necessidade de conhecer mais de perto, como estão sendo implementadas as ações de biblioterapia no Brasil, a partir das experiências relatadas na literatura da área.

Outra motivação para estudar a temática é a vontade que tenho de me inteirar mais da fundamentação teórica e quem sabe possa me envolver em projetos biblioterapêuticos que estejam ou que venham a ser colocados em prática, especialmente com a participação de bibliotecários. Do ponto de vista da contribuição para a área Biblioteconomia, acredito que esta pesquisa poderá contribuir como fonte de informação para que outros estudos de biblioterapia possam ser realizados, de modo a legitimar cada vez mais essa temática no contexto dessa disciplina.

O **objetivo geral** determinante do presente estudo é: analisar a existência de embasamento teórico dos elementos da psicoterapia nos estudos que contemplam as ações de biblioterapia implantadas entre 1972 e 2017 e publicados na BRAPCI. Porquanto, os objetivos específicos são:

- a) Investigar os estudos científicos sobre biblioterapia indexados na BRAPCI;
- b) Verificar as formas de aplicação da biblioterapia entre os anos de 1972 e 2017;
- c) Identificar a formação profissional dos autores que implementaram projetos e ações biblioterapêuticas e;
- d) Verificar a presença dos elementos da psicoterapia nas pesquisas sobre biblioterapia.

Diante do exposto, esta monografia está estruturada em sete capítulos. O primeiro é composto pela introdução, a qual expõe o cenário da pesquisa apresentando a problemática e sua questão norteadora, a justificativa de escolha e desenvolvimento do tema, o objetivo geral e os objetivos específicos. No segundo capítulo são evidenciados o conceito e a finalidade da biblioterapia, seus ambientes de aplicação, assim como seu desenvolvimento no mundo e no Brasil. No capítulo três são apresentadas as relações entre a biblioterapia e os elementos da psicoterapia, evidenciando suas relações. Enquanto no quarto capítulo é enunciada as atuações do bibliotecário nas ações de biblioterapia, explicitando as competências necessárias para desempenhá-las.

O quinto capítulo aborda a metodologia adotada como embasamento do estudo de forma mais detalhada, destacando-se Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI), a qual é explanada minuciosamente em etapas. Já no sexto capítulo é elaborado o estudo empírico proposto por essa pesquisa, tendo detalhamento da temática desenvolvida, assim como a coleta, análise e avaliação dos resultados da pesquisa. E o último capítulo expõe as conclusões e as sugestões resultantes da avaliação de dados, explanando a contemplação dos objetivos elencados em um primeiro momento.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A BIBLIOTERAPIA

O termo Biblioterapia tem origem grega *bibliotherapeia*, “em que *biblion* é livro e *therapeia* é tratamento ou restabelecimento, ou seja, a biblioterapia é um tratamento que utiliza o livro como prescrição de auxílio do tratamento e/ou restabelecimento, leitura como forma terapêutica.” (NORONHA, 2013, p. 16).

Segundo Alves (1982, p. 54), a biblioterapia surgiu séculos atrás, no Antigo Egito com o faraó Ramsés II que nomeou a sua biblioteca, criada em Mênfes, com a frase "Remédios para a alma", como também na abadia de São Gall, na Idade Média, a qual denominava-se "Tesouros dos remédios da alma". Assim, é possível perceber que a leitura, já na Antiguidade, trazia em sua semântica a possibilidade de contribuir para o enfrentamento das perturbações emocionais. Conforme as reflexões de Ouaknin (1996) desde essa época, os governantes percebiam a importância dela para o alívio de desgastes emocionais, principalmente na Idade Média com a aplicação da “terapia da palavra” por filósofos de Alexandria.

Fílon foi um dos mediadores mais importantes da história com respeito a terapia pela leitura, em razão de ter utilizado escritos bíblicos para discussão e reflexão dos costumes da época, baseando-se em concepções filosóficas. O desenvolvimento da ciência foi inevitável, originando o campo denominado de biblioterapia, a qual tem fundamentação principal na leitura e no diálogo. (OUAKNIN, 1996). Em outras passagens, o autor diz que a atividade biblioterapêutica se compõe da mistura de metáforas expostas no texto, da imaginação desenvolvida no ato de interpretação das ações dos personagens e do diálogo realizado após a apropriação das metáforas contidas no material utilizado e consequente catarse.

Em sua aplicação, o leitor desenvolve uma conexão maior com a leitura além da simples decodificação de símbolos, se deslocando para a história elaborada pelo autor, originando sentimentos como medo em momentos de tensão e alívio. Ele cria um vínculo emocional com o(s) personagem(ns), se identificando com ele(s), acompanhando sua trajetória e percebendo suas qualidades e defeitos, incorporando uns e repelindo outros. No momento pós-leitura, o leitor pode expressar seus pensamentos e aflições em consonância ao(s) do(s) personagem(ns) por meio do diálogo, onde há a interpretação de fatos. Esse prosseguimento se dá porque “o ato de interpretação é inerente à leitura e que a interpretação é, em si, uma terapia...”

(OUAKNIN, 1996, p. 19). Vindo ao seu encontro, Caldin (2001, p.36) defende que a biblioterapia evoca a “ideia de liberdade” à medida que “[...] permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos.”

A finalidade da biblioterapia é proporcionar aos participantes um ambiente acolhedor para a expressão de seus medos e angústias, desenvolvendo uma pacificação das emoções e a compreensão de seus problemas com uma outra visão, facilitando o entendimento de si e dos embates encontrados na vida. Ouaknin (1996, p. 18) expõe, em suma que,

Além do “prazer do texto”, a leitura oferece ao leitor por identificação e “cooperação textual”, por apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa à realidade, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, um sentimento de pertencimento, a abertura a outras culturas, sentimentos de amor, o engajamento na ação, valores individuais e pessoais, a superação das dificuldades etc.

A prática da biblioterapia não está limitada ao suporte do livro, pois emprega outros recursos informacionais e lúdicos como encenações teatrais, contação de histórias, brincadeiras, exibição de filmes e músicas, pintura e desenho. Com o uso desses recursos objetiva tornar a atividade mais dinâmica, se adequar as preferências pessoais e ganhar a segurança dos envolvidos, estreitando o relacionamento entre colegas -se for coletiva- e entre os participantes e o biblioterapeuta (OUAKNIN, 1996, p. 19). Essa aproximação é fundamental, pois muitas vezes, a vergonha e a timidez podem atrapalhar a construção de significações, causando desconforto no participante, principalmente ao admitir a semelhança da narrativa com sua realidade para outras pessoas. Em razão disso, são importantes ações que estimulem a interação de uns com os outros.

A brincadeira, a musicalidade, a dramatização, a contação de [sic] histórias, a dança são práticas essenciais para o desenvolvimento cultural e recursos que facilitam o processo de socialização, pois o indivíduo aprende sobre si e sobre o mundo ao seu redor. (BEZERRA, 2011, p. 26).

A biblioterapia pode ser aplicada individualmente ou em grupo. Sendo a primeira mais incomum. A técnica pode ser reproduzida na área correcional com indivíduos em cárcere, prestando assistência psicológica e, conseqüentemente facilitando a reintegração social; na educação com crianças e adolescentes em situações de estresse decorrentes de problemas originados da rotina, como as

transformações do corpo e conflitos familiares; na medicina tendo a biblioterapia função de desenvolver a leitura informativa e como entretenimento; na psiquiatria, empregada no tratamento de transtornos psicológicos; e com idosos, para facilitar a socialização e a aceitação de si. (SEITZ, 2006, p. 26-29).

Quanto a tipologia, Pereira (1996, p. 57) afirma que a biblioterapia se classifica em três: clínica, institucional e de desenvolvimento pessoal, em que:

a) A Biblioterapia Clínica é reservada para pessoas com graves problemas emocionais e de comportamento, sendo executada em instituições de saúde mental, como hospitais e clínicas. É ligada diretamente a psicoterapia, sendo coadjuvante no tratamento de disfunções psíquicas e estados mentais condicionados por situações de *stress*;

b) A Biblioterapia Institucional é desenvolvida especificamente para um grupo de pessoas ou individualmente, como um serviço, por uma equipe capacitada, tendo destaque para tratamento de distúrbios de comportamento;

c) A Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal é destinada a prevenção e correção de comportamentos relacionados a alguma tensão emocional que não está ligada a alguma patologia mental. É operada de forma mais educativa, na prevenção de possíveis patologias psíquicas que possam ser geradas devido a conflitos surgidos no dia-a-dia.

Portanto, é perceptível que a leitura é fundamental no tratamento e manutenção da qualidade psíquica das pessoas, considerando que ela sozinha já auxilia nos conflitos internos, porém não tem função terapêutica. Para o processo terapêutico é preciso a cooperação de um biblioterapeuta, o qual durante as sessões irá mediar ideias do autor com as interpretações do ouvinte, procurando desenvolver a identificação. Assim, percebe-se, claramente, como a biblioterapia é coadjuvante a outras terapias e seus benefícios no cuidado com o ser.

2.1 A institucionalização da biblioterapia

O primeiro caso conhecido de recomendação de leitura para prática terapêutica foi realizado no século XIX pelo médico Benjamin Rush nos Estados Unidos, o qual defendia a biblioterapia no apoio a psicoterapia e não somente com doentes mentais, mas também com aquelas pessoas que estejam vivenciando conflitos emocionais. (ALVES, 1982). John Minson Galt II também teve destaque nesse período por ter indicado aos seus pacientes e registrado as formas de aplicação da biblioterapia em formato de artigo. Desde então, a biblioterapia vem se desenvolvendo, tanto no campo literário como na aplicação médica, onde se mostrou como uma alternativa benéfica para o tratamento dos pacientes com patologias psíquicas. No decorrer da Primeira Guerra Mundial, eram implantadas bibliotecas nos hospitais do exército, onde bibliotecários efetuavam ações biblioterapêuticas para auxiliar na regeneração psicológica dos combatentes.

A partir da década de 30, a biblioterapia se firmou definitivamente como um campo de pesquisa, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte. (ORSINI, 1982 *apud* FERREIRA, 2003). A bibliotecária Elizabeth Green foi muito importante porque mostrou a imprescindibilidade de bibliotecários nas atividades de biblioterapia.

Em 1919, Elizabeth Green, bibliotecária, e Sidney Schwab, neurologista, escreveram um artigo, “*The Therapeutic Use of a Hospital Library*”, sobre a obrigação que os bibliotecários têm para com os seus leitores de usar a literatura em seu benefício, e apresentaram uma série de princípios e conceitos em torno dessa terapia. (MALTEZ, 2011, p. 20).

De acordo com Maltez (2001) Charlotte S. Huck foi uma literária infantil, pioneira no emprego de materiais pertinentes na aplicação de biblioterapia com jovens. Sua relevância deve-se por consagrar a biblioterapia de desenvolvimento pessoal, quando até então as experiências eram providas de ambientes hospitalares com enfermos.

A grande referência para a biblioterapia clínica foi Caroline Shrodes com o trabalho “*Bibliotherapy: A Theoretical and Clinical-experimental Study*”, o qual lhe concedeu, além de notoriedade, o título de doutora em biblioterapia. (GUEDES; FERREIRA, 2008). Seu estudo inspirou muitos profissionais, resultando no aumento

da publicação de pesquisas pertinentes ao tema e na sua aplicação em diversos ambientes no mundo.

No Brasil, as pesquisas despontaram na década de 1970 com o estudo de Rattton (1975), que apresentou aspectos gerais da biblioterapia como conceitos, formas de implantação e ambientes para atuação. Pode-se dizer que trouxe para o país maiores informações acerca desta terapia, destacando a necessidade de bibliotecas em seu meio como apoio às ações e sua colaboração em processos psicoterapêuticos. O primeiro projeto de extensão executado foi o "Carro-Biblioteca", criado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que levava a Porto Alegre livros didáticos e de entretenimento a estudantes. (ALMADA, 2003 *apud* RIBEIRO, 2006). Não se caracterizava como um projeto de biblioterapia propriamente dito, porém tem raízes nos estudos biblioterapêuticos, e foi norteador para futuros projetos, por isso ganhando notoriedade em temas de biblioterapia no Brasil.

Na década de 1980, Alves (1982) elaborou um artigo analisando histórico e tipos de biblioterapia, campo de atuação para o bibliotecário e técnicas utilizadas. Expôs uma proposta de inserção de atividades biblioterapêuticas no sistema penitenciário, como maneira de facilitar a reintegração social dos detentos e proporcionar alívio de conflitos emocionais causados pelo tempo de isolamento do convívio em sociedade e pela tristeza de manter-se longe do conforto familiar

Sousa, Santos e Ramos (2013) destacam as atividades práticas de Bentes Pinto (1984), em Fortaleza, sendo uma das pioneiras ao implantar um projeto de biblioterapia¹ com crianças que faziam tratamento oncológico no Hospital Infantil Albert Sabin, utilizando contos como a Bela Adormecida, Pinóquio e Os Três Porquinhos e muitos outros. Ainda no Nordeste, a bibliotecária Marília Guedes Pereira (1996), do Setor de Braille da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, escreveu uma dissertação de mestrado sobre a biblioterapia com pessoas com deficiência visual. Analisou a situação dos cegos no Brasil, os aspectos da biblioterapia tanto no âmbito da psicologia como da biblioteconomia, a relação do bibliotecário como aplicador, e propôs o Programa de Biblioterapia para Portadores de Deficiência Visual em Bibliotecas Públicas, descrevendo elementos essenciais para sua implementação. Anos depois, Pinheiro (2008) relatou a administração da biblioterapia com idosos do Lar Torres de Melo, por meio de projeto de extensão da Universidade Federal do

¹ Denominado "O uso da Biblioterapia como coadjuvante no tratamento de câncer."

Ceará com apoio do Curso de Biblioteconomia e da Pró-Reitoria de Extensão. Os participantes eram voluntários de diversas áreas, dentre elas da biblioteconomia, da psicologia, da assistência social, da medicina etc. Os materiais pré-definidos tiveram o objetivo de entreter, auxiliar no tratamento médico de doentes e diminuir a sensação de solidão causada pela distância dos idosos com a família.

Já nos anos 2000 a biblioterapia suscitou a criação de muitos projetos, dentre eles o de Seitz (2006), aplicado no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, com pessoas hospitalizadas, o qual deu sustentação para o registro na dissertação de mestrado da autora. Seu estudo teve bastante relevância por ter sido desenvolvido em seu ambiente de trabalho, assim produzindo muitas informações sobre a prática, como o acervo empregado, o estudo de usuários, as entrevistas etc. Em 2001, Bueno e Caldin (2002) realizaram atividades de biblioterapia na ala pediátrica do Hospital Universitário de Santa Catarina com participação dos pais, empregando leituras, encenações e contação de histórias. O resultado foi extremamente satisfatório, já que as crianças desenvolveram o gosto pela leitura e estabeleceram laços com a equipe do hospital.

Rosa (2006) também se sobressaiu por sua dissertação, onde utilizou cartas da escritora Ana Cristina César em exercícios biblioterapêuticos com seus alunos. Claramente, a biblioterapia teve caráter de ação preventiva, sendo então uma biblioterapia para desenvolvimento pessoal. Bernardino, Elliot e Rolim Neto (2010), professores da Universidade Federal do Cariri, coordenaram e executaram o projeto de extensão “Biblioterapia com crianças portadoras de câncer, a leitura como atividade lúdica” em 2010 no Hospital Municipal Infantil Maria Amélia Bezerra de Menezes, localizado na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. “A prática efetiva da técnica se dá através da utilização de livros infanto-juvenis e instrumentos lúdicos - como o giz de cera, lápis de cor e papéis.” (BERNARDINO; ELLIOT; ROLIM NETO, 2012, p. 204).

Desde então a biblioterapia ganhou espaço na prevenção e no tratamento de transtornos psíquicos e no desenvolvimento pessoal, não somente no âmbito prático-profissional, mas também no plano acadêmico com as universidades, as quais passaram a desenvolver projetos de extensão com o objetivo de ampliar o campo da biblioterapia e beneficiar a sociedade com suas intervenções. Levando em consideração as raízes da biblioterapia, é fundamental discutir sua administração

nessa esfera, destacando os elementos da psicoterapia, os quais são elucidados no capítulo a seguir.

3 DIÁLOGOS ENTRE A BIBLIOTERAPIA E OS ELEMENTOS DA PSICOTERAPIA

Como bem explicito no seu conceito, biblioterapia é um tipo de terapia que emprega recursos informacionais, dentre eles livros, para estimular a leitura e a expressão de emoções. Cláudio Pintos argumenta nessa direção dizendo que a leitura terapêutica envolve aos poucos o indivíduo em um estado de meditação, fazendo com que nessas “vivências interiores e percepções” os participantes despertem seus interesses e “acabam compreendendo intuitivamente o conteúdo da mensagem que a narrativa encerra [...]. Neste momento, o paciente se aproxima de si mesmo de maneira mais relaxada e efetiva.” (PINTOS, 1999, p. 22). Como é possível observar, a linguagem tem papel primordial nesse processo, pois é o canal onde há a exteriorização dos dilemas e dos pensamentos do indivíduo. A Psicologia é uma esfera científica que analisa a fala, seja oral ou corporal, como abstrato para intervenção terapêutica. Sendo assim, os fundamentos da biblioterapia são provenientes desse campo, o qual apresenta os seguintes elementos terapêuticos: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção.

Esses componentes são desenvolvidos sincronicamente, quando as ações biblioterapêuticas atingem internamente os leitores. Nesse aspecto, o biblioterapeuta vale-se de diferentes atividades para melhorar a qualidade de vida dos participantes no quesito emocional, já que estes possuem personalidades e gostos diversos, e que não havendo um envolvimento profundo com as temáticas e com as leituras, não há desenvolvimento dos elementos psicoterapêuticos, e conseqüentemente, não há êxito no tratamento atribuído a biblioterapia, como corrobora Caldin (2010, p. 121):

O livro [é] um objeto estético complacente e flexível, sujeito a várias interpretações, permitindo construções imagéticas diversas. Se o envolvimento com a história produz a catarse, a identificação ou a introspecção (não necessariamente concomitantes ou sucedâneas), tal história cumpriu o propósito terapêutico, mesmo que isso não fique visível ou não seja facilmente detectado. De fato, no mais das vezes, apenas o atingido sabe em que medida o texto permitiu-lhe trabalhar as emoções, ativar a imaginação ou fazer uma reflexão.

É justamente por esses aspectos que ao se implantar um programa de biblioterapia, faz necessário ter consciência que além de ser bacharel em Biblioteconomia, o biblioterapeuta necessariamente precisa ter uma formação em psicoterapia ou trabalhar conjuntamente com psicólogos. Assim, terá uma competência para aplicar os elementos da psicoterapia, descritos a seguir:

3.1 Catarse

A catarse, segundo Ouaknin (1996, p.17) desponta com o pensamento de Aristóteles em Poética, o qual diz que a tragédia suscita sentimentos de medo e piedade, os quais são fundamentais para a libertação de tensões ocultas. Para se alcançar a catarse é primordial trazer à tona os problemas, causando em um primeiro momento o terror frente à situação e depois a empatia com o outro, dessa forma nos colocando no lugar dele e vendo-o em si, produz uma mudança de atitude e um novo jeito de enfrentar a realidade.

No entendimento de Caldin (2010) a literatura tem esse poder, pois por meio da exposição de uma situação e de personagens se evidencia problemáticas que são debatidas nas sessões de biblioterapia. O diálogo entre os leitores e o biblioterapeuta é necessário, pois, ambos constroem diferentes significações de um mesmo objeto, já que a interpretação é uma ação individual de cada um, e a expressão da opinião é uma forma de liberdade e cura. Valência e Magalhães (2015, p.14) atestam que “a leitura tem uma função catártica quando um indivíduo busca não apenas o conhecimento como também o entretenimento.” Para esses autores “as palavras são uma ferramenta essencial do tratamento do espírito, que podem convencer, emocionar, influenciar fornecendo uma catarse aristotélica.” Desse modo, Magalhães e Valência (2015, p. 14) argumentam que

Nesse efeito catártico, é possível substituir o teatro (tragédias clássicas) pelas obras literárias, uma vez que provocam emoções e paixões. Portanto, catarse pode ser entendida como pacificação, tranquilidade e alívio das emoções. É nessa concepção que a leitura de obras literárias desempenha uma função catártica.

A leitura é imprescindível, pois nesse processo o leitor vivencia

um certo alívio catártico diante dos trágicos sofrimentos da existência em nosso papel de espectadores [...]. Por quê? Porque o próprio estratagema e o artifício da *mimesis* [representação] nos separam da ação que se desenrola diante de nós, permitindo-nos suficiente distância para apreender o sentido geral. Esse distanciamento ou aspecto *temeroso* da catarse vem da distância aberta entre o literal e o figurativo pela arte da *ação imitada*. (KEARNEY, 2012, p. 418)

Sendo assim, a catarse se constitui como o alívio de sentimentos negativos originados por traumas, os quais são despertados através da memória do leitor. Por isso, o biblioterapeuta deve ter bastante cuidado com o material selecionado para leitura, visto que “não cabem em sessões de biblioterapia, textos moralizantes e de

caráter informativo, haja vista que a finalidade é deleitar, causar prazer e não fornecer juízo de valor ou ensinamentos.” (CALDIN, 2010, p. 137). Nesse contexto, ele fala sobre o acontecimento e exprime seu sofrimento de maneira branda em uma conversa descontraída.

3.2 Humor

O humor é um elemento da psicoterapia marcante, pois proporciona esquecimento momentâneo dos problemas emocionais, conecta as pessoas, facilitando as relações sociais, como também auxilia no combate ao estresse e à ansiedade causados pelos problemas diários. É um item fascinante em razão da capacidade de transformar a dor em alívio cômico, colaborando para exteriorização e superação de sentimentos reclusos.

[...] o bom humor e a risada proporcionam um modo de aliviar a ansiedade, a tensão e a insegurança, além de servir como mecanismo de *coping* através do qual o indivíduo lida com questões opressivas. Utilizar o humor como estratégia de defesa ou *coping* permite ao indivíduo distanciar-se do estresse, mostrar sentimentos que geralmente são difíceis de expressar e lidar, como a impotência e o medo, esquecer as preocupações, evitar conflitos, aliviar a tensão e relaxar. (ARAÚJO; SILVA, 2002, p. 672).

Em realidade, o humor possibilita sensações de satisfação, quando o sujeito se encontra em situações de conflitos. Por isso é um elemento que poderá ser um grande aliado da biblioterapia.

3.3 Identificação

A identificação se dá quando o leitor se vê no outro, trazendo para si uma vertente encontrada no outro, fato que provoca transformação, já que “a identificação é a busca de um modelo para seguir ou se identificar, que pode se moldar total ou parcialmente.” (MAGALHÃES; VALÊNCIA, 2015, p. 14).

Na leitura o indivíduo é conduzido para outro cenário através da obra literária, se distancia de suas aflições e, por identificação, se reconhece nos personagens do enredo e em situações semelhantes às enfrentadas por ele. O leitor simpatiza com o personagem, despertando emoções que podem culminar na mudança de comportamento. Esse elemento é importante, pois o leitor, por instantes,

esquece de sua condição, foca nos embates do personagem, e dessa forma passa a enxergar seu espaço no mundo e buscar compreensão interna de si.

3.4 Introjeção

Relacionada diretamente com a identificação, a introjeção acontece simultaneamente, quando o leitor internaliza em si atributos dos personagens. Segundo Caldin (2010, p. 39): “o público alvo, assimila ou repele as características dos personagens que são identificados pela semelhança com a vida real”. Na mesma linha de pensamento, Magalhães e Valência (2015, p. 14) afirmam que a introjeção é um “processo no qual o indivíduo interioriza os aspectos desejáveis dos personagens da ficção, experimentam situações que na vida real não se sente capaz de suportar”. Por isso “atribui a si qualidades destes personagens, absorvendo-as como se fossem suas.”

Através da leitura, o sujeito observa os personagens, se identifica com alguns, absorvendo as características deles, e não se identifica com outros, rechaçando-os.

Na narrativa literária as personagens são signos e, portanto, sujeitas a significação por parte do leitor (ouvinte ou espectador). As personagens têm o poder de impressionar ou comover, vão sendo construídas ao longo da narrativa, e devem apresentar verossimilhança nas atitudes e reações de tal forma que possibilitem a identificação com o leitor (ouvinte ou espectador). (CALDIN, 2010, p. 147).

Muitas vezes o leitor está tão abalado psicologicamente envolto do problema que não consegue por si só desenvolver a introjeção, sendo necessário alguma intervenção terapêutica como a biblioterapia. Nesse processo, há a seleção de obras ficcionais onde o personagem vai lidar com embates e ter características admiráveis pelo leitor, fazendo com que este incorporeas na psique quando for lidar com alguma dificuldade.

3.5 Projeção

Consoante Caldin (2010, p. 146) a projeção “é uma operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que ele desconhece ou recusa nele.”

Assim como a introjeção, a projeção também está relacionada com o elemento da identificação, porque após a identificação com uma situação e/ou personagem, o leitor passa a perceber suas emoções e sentir necessidade de expressar atributos que não lhe são agradáveis. Estes são percebidos no outro para depois, por assimilação, perceber em si. Nesse momento que o leitor manifesta sentimentos negativos reprimidos, com o objetivo de expurgá-los.

3.6 Introspecção

A introspecção é o último elemento da psicoterapia e, provavelmente o último estágio no processo da biblioterapia, onde há o reconhecimento pelo leitor de suas características, qualidades e defeitos, e uma avaliação de si, a qual pode resultar em uma transformação no comportamento e na postura ao lidar com os conflitos, conseqüentemente melhorando seu bem-estar emocional.

Isso significa dizer que a introspecção é uma auto-observação, um processo mental consciente, um exame dos próprios pensamentos, desejos, e sensações. A finalidade de tal método é o relato minucioso das respostas aos estímulos a que o sujeito foi submetido, propiciando-lhe uma autoavaliação. (CALDIN, 2010, p. 169).

A introspecção leva a uma auto-observação consciente pois conduz o indivíduo a olhar para a essência de seus conflitos e, assim, entendê-lo sob outra perspectiva.

4 O BIBLIOTECÁRIO EM AÇÕES BIBLIOTERAPÊUTICAS

Um dos primeiros grupos que se tem registro de realizar um processo terapêutico foram os denominados “Terapeutas de Alexandria” que, segundo Caldin (2010), prestaram os principais serviços terapêuticos na Antiguidade e eram constituídos por filósofos com amplo conhecimento religioso, que usavam a linguagem, seja corporal ou verbal, para o tratamento de patologias. Suas formas de viver eram fomentadas na crença a alguns deuses, por conseguinte conectados à vida espiritual e desprendidos da vida material, fazendo-os se apegarem a filosofia para acalmar as desordens psíquicas. As vantagens de sua terapia foram estimular as pessoas a refletirem sobre as situações político-sociais enfrentadas no cotidiano e demonstrar apoio no enfrentamento de seus problemas. Os Terapeutas de Alexandria marcaram o início do processo de terapia na sociedade.

Já no século XIX, com o surgimento das raízes da biblioterapia, os médicos passaram a ocupar esse campo de atuação que, inicialmente, prevalecia no ambiente clínico. Guedes (2013) alega que a aplicação era realizada em hospitais com parceria da biblioteca do hospital, e os trabalhos e relatórios da atividade eram publicados por médicos e bibliotecários. Visto isso, a biblioterapia era de encargo das áreas médicas ligadas à saúde mental, sendo o bibliotecário um auxiliar, concentrando-se mais na escolha de material apropriado para cada caso.

Alves (1982, p. 55) afirma que “em 1914, a Biblioterapia passa a ser considerada como um ramo da Biblioteconomia, quando certa bibliotecária, assumindo a direção de uma biblioteca hospitalar, em Massachusetts, resolve fazer suas próprias experiências.” Então, a Biblioteconomia passou a atuar na escolha de materiais para as sessões, na aplicação junto aos participantes e na produção documental, desde relatos de experiências a propostas de execução. A apropriação pela área é percebida na análise quantitativa de Silva (2005, p. 46-47):

a produção de fontes documentais sobre Biblioterapia está 70% vinculada a formação acadêmica dos autores em Biblioteconomia. Da produção documental localizada sobre Biblioterapia, 12,5% é exclusivamente produzida por 47 psicólogos, a maior parte delas em cursos de Psicologia. Outros 12,5% são produzidos por psicólogos em associação com pesquisadores das áreas da Educação, Biblioteconomia, Letras, Medicina e Terapia Ocupacional. Fontes documentais sobre Biblioterapia produzidas por profissionais oriundos dos cursos de Enfermagem e Jornalismo representam cada uma delas 2,5% da produção documental examinada sobre Biblioterapia no Brasil.

O ensino de Biblioteconomia teve divergências em suas concepções e seus objetivos, sendo um o modelo francês que visava, primordialmente, a perspectiva social da profissão, onde o foco era no usuário e suas relações sociais; e o modelo americano, o qual destacava o lado tecnicista do profissional, no desenvolvimento de ferramentas para controle bibliográfico. Este perdurou por muito tempo, fazendo com que muitos bibliotecários se empenhassem mais em atividades técnicas, e deixassem em segundo plano seu papel social. Em função disso, os profissionais deixaram de explorar muitos campos de atuação.

No caso da Biblioteconomia, [o fazer, o saber-fazer e o fazer-saber] parece recair somente sobre o domínio das técnicas de produção, organização, disseminação e recuperação de documentos. Os próprios bibliotecários e a sociedade parecem não reconhecer outros saberes do campo, fazendo com que a sua notoriedade perante o conjunto da sociedade seja ratificada quase sempre em relação aos seus aspectos pragmáticos e cartesianos, em uma percepção míope do que seja este campo de atuação. (BENTES PINTO, 2005, p. 34-35).

A expansão das bibliotecas universitárias e públicas ao longo dos séculos incrementou as atividades de bibliotecários a assistência aos leitores, o que os fez notar a carência de conhecimento quanto as necessidades informacionais de seus usuários. Já com a globalização e o aparecimento das novas tecnologias desenvolvidas nos séculos XX e XXI, o bibliotecário teve que enfrentar uma nova realidade, onde o enfoque não se resumiria apenas nos livros, mas na leitura em suas diversas manifestações. Com o surgimento do campo da Ciência da Informação (CI), o bibliotecário passou a integrar a esfera dos profissionais que possuem como objeto de estudo a informação. Com isso, o leque de atuações da profissão se expandiu bastante e o bibliotecário precisou adotar uma nova postura e ter novas habilidades, distanciando-se um pouco do tecnicismo e aproximando-se mais das atividades a nível social.

Pensando no bibliotecário como mediador de informação e agente de transformação social, a biblioterapia agregou-se cada vez mais ao seu campo de trabalho, já que “o bibliotecário intervém na biblioterapia na função de mediador, observando o processo de leitura e até levantando um tema para discussão”. (NORONHA, 2013, p. 28). Nessa atividade biblioterápica, esse profissional se concentra na utilização da leitura em seus diversos aspectos, podendo ser encontrada tanto em materiais tradicionais (livros e revistas), como em outros suportes onde a

informação é compilada, como gestos corporais, audiolivros, músicas, pinturas, desenhos, danças e fotografias.

Ainda não há consenso sobre o papel do bibliotecário na aplicabilidade da biblioterapia, já que sua atuação nesse campo depende da formação profissional. O ideal é a constituição de uma equipe multidisciplinar, onde os profissionais terão ajuda mútua na execução das ações biblioterapêuticas.

O bibliotecário pode atuar no próprio ramo da formação em Biblioteconomia, operando atividades como estudo de usuários, seleção e aquisição de materiais para as sessões. Estas devem ser observadas diretamente pelo bibliotecário, pois, a partir delas, ele poderá identificar as angústias, as necessidades, as reações e o contato dos participantes com a leitura; também podendo recolher mais dados com os profissionais de saúde mental da equipe envolvida. Além disso, o acompanhamento exibe a evolução da biblioterapia com esse público e a receptividade da literatura ou atividade lúdica manejada. Essas informações serão fundamentais para a escolha de materiais que deverá ser adequada à idade, ao conhecimento intelectual e cultural, a vivência social e à patologia ou problema psíquico enfrentado.

4.1 Competências do bibliotecário como biblioterapeuta

A Biblioteconomia sendo um ramo das Ciências Sociais Aplicada, tem essência humanista voltada para as relações sociais. Observando esse fato, entendemos que o bibliotecário deve se inserir nas ações de biblioterapia, já que tem como seu objeto de estudo a informação, a qual é direcionada claramente para a manutenção da vida social do homem.

Para atuar na biblioterapia não é requisito ter formação em Biblioteconomia, podendo ser um profissional da área da saúde (médicos e psicólogos) ou da educação (pedagogos). Contudo visto que os bibliotecários trabalham muito com a leitura, poderão também atuar em ações de biblioterapia. Porém, qualquer profissional que for atuar nesse trabalho, precisa ter uma formação terapêutica.

O bibliotecário terapeuta tem função coadjuvante no tratamento de patologias psíquicas e conflitos emocionais, já que é responsável pela seleção de

itens informacionais pertinente as situações suscitadas nos encontros biblioterapêuticos. Sendo assim, “Caso seja apenas bibliotecário integrará uma equipe multidisciplinar, atuando em vários papéis ou, em caso extremo, selecionando e preparando os textos a serem usados no processo. (FERREIRA, p. 39, 2003).

A biblioterapia pode ser desenvolvida de duas maneiras: o bibliotecário conduzindo os encontros ou em colaboração com outros profissionais. Em ambos os casos, ele carece de alguns atributos como estabilidade emocional, bem estar físico, controle de preconceitos pessoais, personalidade forte, caráter, recepção à nova aprendizagem e responsabilidade pela escolha de materiais. (BEZERRA, p. 32, 2011). Além disso, os bibliotecários que queiram integrar equipes de biblioterapia, devem ter conhecimento das teorias e princípios da psicoterapia. Isso é importante, pois terão contato constante com pessoas confrontadas por diferentes níveis de sofrimento psicológico, não podendo deixar transparecer sentimentos e afetos que possam comprometer o processo biblioterapêutico.

Para conduzir as ações de biblioterapia, o bibliotecário ou outros profissionais envolvidos no processo e que não tenham formação em psicologia ou psicoterapia, necessitam ser capacitados no campo da terapia, seja em cursos de qualificação, em graduações ou especializações nessa área. Caso de não ter essa capacitação ou formação, a aplicação deve ser realizada com um grupo multidisciplinar de profissionais, como corrobora Bentes Pinto (2005, p. 42): “sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo.”

Uma solução no contexto da Biblioteconomia é por meio da oferta de disciplinas e a participação em projetos de pesquisa ou de extensão. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a professora Clarice Fortkamp Caldin ministrou a disciplina optativa “Biblioterapia”, a qual apresenta conceitos, métodos e histórico, além de possibilitar aos alunos o desenvolvimento e aplicação de um projeto de biblioterapia em um grupo definido. A produção bibliográfica aumentou consideravelmente com a oferta dessa disciplina, já que os estudantes passaram a estruturar os dados coletados na execução da atividade biblioterapêutica e publicarem artigos e monografias descrevendo-a.

Os projetos de extensão também são ótimas oportunidades para os estudantes vivenciarem a aplicação da biblioterapia com públicos diversos. Esse tipo de atividade é muito interessante porque, além da base teórica dada pelo(s) supervisor(es) em explanação acerca da área, dos métodos e das habilidades exigidas, o estudante ainda acompanha e tem o acompanhamento de profissionais no desenvolvimento das práticas.

Tendo em vista sua inserção no campo de atuação do bibliotecário e a importância de conhecimentos da psicologia como substrato para aplicação da biblioterapia, incita-se a realização dessa pesquisa com a metodologia exibida no capítulo seguinte.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para esse trabalho adotamos a pesquisa exploratória, em razão de introduzir concepções novas a respeito da execução biblioterapêutica e seu embasamento teórico nos componentes da psicoterapia, assim como amplia os conhecimentos sobre a biblioterapia no campo empírico. “Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2008, p. 27). Tendo em vista a magnitude dos estudos sobre a biblioterapia, tem-se nesse trabalho uma investigação mais intensa de um aspecto já mencionado, porém não explorado conceitualmente por outros autores.

Para Severino (2007, p. 123) os objetivos definem a natureza da pesquisa, sendo caracterizada de caráter exploratório àquelas que simplesmente expõe informações e analisam a forma de exposição de seu objeto de estudo. Sendo assim, é uma pesquisa inicial que pretende contribuir para estudos futuros sobre os aspectos psicoterapêuticos no domínio da biblioterapia.

Segundo Gil (2008, p. 27) esse tipo de pesquisa explana: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.” Considerando isso, a pesquisa bibliográfica está intrínseca nesse estudo, pois seu desenvolvimento está pautado em fontes bibliográficas que trazem conhecimentos gerais da biblioterapia e sua aplicação, ou seja, se efetiva com base em estudos anteriores sobre o tema.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao (*sic*) investigado a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2010, p. 45)

Quanto a sua natureza, esta pesquisa se constitui como quali-quantitativa, em razão de realizar primeiramente um mapeamento de dados alavancado quantitativamente em categoriais, para posterior interpretação e avaliação dos resultados alcançados. Dessa forma, os dois modelos se unem satisfatoriamente, pois “na medida em que de um lado a quantidade é uma tradução, um significado que é

atribuído à grandeza com que um fenômeno se apresenta e do outro lado ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.” (SOUZA; KERBAUY, 2017, p. 37).

Com objetivo de analisar as publicações de biblioterapia e investigar a situação das práticas entre os anos de 1972 e 2017, optamos pela RBI, a qual se caracteriza por investigar estudos e a partir deles originar novo conhecimento para a aplicabilidade profissional. Como este tipo de análise de dados é pouco empregado na Biblioteconomia e incomum no enfoque da biblioterapia, definiu-se a necessidade de explaná-lo detalhadamente no próximo tópico.

5.1 Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI)

Devido à crescente quantidade de publicações científicas na área de Ciência da Informação despontou-se a necessidade da criação de novas metodologias para sistematizar o conhecimento e integrar seus resultados nos exercícios profissionais. Diante dessa condição, destaque-se a RBI, a qual assim como a revisão bibliográfica sistemática, a meta-análise e a revisão qualitativa, é uma subdivisão da Revisão Bibliográfica, porém com objetivos e aplicações distintas.

A RBI é uma metodologia que compila, esquematicamente, estudos científicos de um determinado domínio com a finalidade de compreendê-lo e a partir disso gerar novos conhecimentos consoante os resultados já alcançados anteriormente. “Dentre os métodos de revisão, a revisão integrativa é o mais amplo, sendo uma vantagem, pois permite a inclusão simultânea de pesquisa experimental e quase-experimental proporcionando uma compreensão mais completa do tema de interesse. Este método também permite a combinação de dados de literatura teórica e empírica.” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008, p. 760).

Sua utilização se instituiu, em 1980, na área da saúde a partir da Prática Baseada em Evidências (PBE), a qual caracteriza-se como a usabilidade de evidências, dispostas em estudos científicos realizados, na aplicação médica. Dessa forma, a união do teórico e do empírico com a prática profissional origina informações importantes para a criação de novos conhecimentos, os quais assistirão a outros e serão imprescindíveis para a tomada de decisão nesse âmbito. Logo, a RBI

[...] possibilita ao interessado reconhecer os profissionais que mais investigam um assunto, suas áreas de atuação e suas contribuições mais

relevantes; permite separar o achado científico de opiniões e ideias; permite descrever o conhecimento no seu estado atual; e promove o impacto da pesquisa sobre a prática profissional. (ROMAN; FRIEDLANDER, 1998, p. 109).

A partir da sistematização dos documentos científicos sobre uma temática é possível realizar a verificação de conceitos e teorias consolidadas na área, acrescentar pesquisas relevantes no contexto destacado, assim como descobrir aspectos pouco explorados ou não explorados que são relevantes para o desenvolvimento das atividades do profissional. A RBI é uma opção de metodologia muito eficaz, devido a condensação de conhecimentos, a apresentação de concepções antigas e atuais sobre uma temática e a agilidade de divulgação, visto que em uma única publicação estão destacados os problemas, inovações e análises científicas do domínio.

Conquanto a RBI tenha se fundamentado e sido mais explorada na área da saúde, pode ser empregada em outros domínios, posto que “proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática.” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 102). Logo, a RBI pode ser estudada no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, mais especificamente na temática de Biblioterapia, que é um dos campos de atuação do bibliotecário.

Essa metodologia será desempenhada na pesquisa, utilizando como orientação os estudos de Souza, Silva e Carvalho (2010) e Mendes, Silveira e Galvão (2008), os quais apresentaram a composição da RBI por meio de seis etapas distribuídas de forma gradual. São elas: elaboração da temática e questão-problema, busca na literatura, coleta de dados, análise das publicações englobadas no estudo, avaliação dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Na **primeira etapa** é determinada a temática que será investigada. Fundamentada nela, é extraído um problema, o qual será a “peça-chave” para a definição de uma questão de pesquisa, que orientará todo o estudo. Este será desenvolvido para responder à pergunta. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008), após a elaboração da questão, são indicados os descritores a serem usados no levantamento bibliográfico. Em seguida, na **segunda etapa**, se inicia a busca ou amostragem na literatura, podendo ser em bases de dados e periódicos científicos, os quais são fontes seguras e significativas da área. Nela haverá a seleção e exclusão

de estudos, conforme a pertinência ao tema e à questão norteadora, de maneira criteriosa, pois

[a] omissão do procedimento de amostragem pode ser a maior ameaça na validade da revisão. Esse procedimento de inclusão e exclusão de artigos deve ser conduzido de maneira criteriosa e transparente, uma vez que a representatividade da amostra é um indicador da profundidade, qualidade e confiabilidade das conclusões finais da revisão. O ideal seria a inclusão de todos os artigos encontrados, ou até mesmo a aplicação de uma seleção aleatória. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008, p. 762).

Após o estabelecimento da fonte de informação confiável e dos critérios de inclusão e exclusão, avança-se para a **terceira etapa**: coleta de dados. Compreende a fase onde são coletadas as informações pertinentes, de acordo com os requisitos e a pergunta norteadora, e dispostas de maneira ordenada em alguma ferramenta, que também é definida. Como afirma Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 104) “os dados devem incluir: definição dos sujeitos, metodologia, tamanho da amostra, mensuração de variáveis, método de análise e conceitos embasadores empregados”. Sendo assim, é similar, se não igual, a coleta de dados de uma pesquisa tradicional.

A **quarta etapa** é a análise de dados, a qual demanda conhecimento intelectual do pesquisador para avaliar as concepções científicas expostas nos estudos coletados. Esse processo demanda ética, imparcialidade e entendimento dos resultados descritos nos estudos, inclusive das divergências, já que “a conclusão desta etapa pode gerar mudanças nas recomendações para a prática.” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008, p. 762). Concluído isso, a **quinta etapa** é a avaliação dos dados, na qual há a comparação do conteúdo dos estudos, dando subsídios para identificação de questões primordiais que ainda não foram exploradas e teorias desatualizadas.

E por fim, a RBI se integraliza com a publicação ou publicização da revisão à sociedade. Os estudos selecionados em etapas anteriores são confrontados, por meio das reflexões e emitidos resultados, baseados na temática e na questão-problema do estudo. Essa **sexta etapa** é a conclusão de todas as outras.

Logo, a RBI é uma metodologia de pesquisa muito eficaz para a ciência, independentemente do domínio aplicado, pois prioriza a junção da teoria com a prática e a revisão de pareceres consolidados em publicação única. A tomada de decisão necessita de dados com qualidade, acessíveis e simplificados, visto que o mercado de trabalho exige agilidade e do profissional na realização da técnica relativa à sua atividade. As metodologias científicas devem ser aliadas nesse processo,

disseminando conhecimento e fomentando pesquisas no tocante a lacunas deixadas desatualização da temática no decorrer do tempo.

6 O ESTUDO EMPÍRICO: A BIBLIOTERAPIA NA PRÁTICA

Buscando sintetizar o conhecimento de publicações e desenvolver deduções com relação ao tema de Biblioterapia, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: **como as práticas biblioterapêuticas, embasadas nos elementos da psicoterapia, estão sendo abordadas nos artigos científicos indexados na Brapci?** Essa indagação servirá de base para o estudo, em que serão analisados os projetos e ações de biblioterapia implantados com determinada comunidade, e realizada a criação de categorias temáticas. Tendo em vista que o domínio da Biblioterapia é de caráter interdisciplinar, pertinente também às áreas da psicologia, educação e medicina, estabeleceu-se enfoque em estudos incorporados a Ciência da Informação (CI).

O *locus* da pesquisa é a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), a qual é fruto de um projeto denominado “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”. É amparada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fato que a caracteriza como uma fonte de informação confiável e fidedigna. Embora no escopo da BRAPCI esteja expressa a questão dos artigos de periódicos, seu objetivo é reunir e disponibilizar publicações científicas divulgadas na área de CI, e atualmente tem um acervo de 57 revistas científicas, sendo 19.031 artigos, 2.592 trabalhos de eventos, dois livros e uma tese entre os anos de 1972 e 2017. Para posteriores etapas, são definidos os critérios para inclusão:

- a) Estar escrito em língua portuguesa;
- b) Ser um artigo científico de periódicos publicado nos últimos 45 anos;
- b) Possuir conteúdo relacionado diretamente às atividades práticas de biblioterapia, isoladas e/ou integradas a projetos sociais e acadêmicos, independentemente de tipologia e ambiência;
- c) Ser uma publicação armazenada na própria base de dados.

As estratégias de busca foram simples – sem a utilização de operadores *booleanos* – usando os campos: ano, título, palavras-chave, resumo e o conjunto dessas disposições condensadas na opção “todos os campos”. Para a busca na

BRAPCI usou-se o termo “Biblioterapia”, com o objetivo de listar as publicações com esse tema. Foi necessária uma leitura técnica do documento, onde eram analisados os títulos, resumos, introdução, título de seções e alguns trechos, com o objetivo de criar categorias de assunto. Na etapa de coleta dos dados, as informações foram assentadas em uma planilha ordenada de forma crescente conforme os anos dos estudos selecionados. Nela foram evidenciados: o título, o autor, as palavras-chave, o ano e o periódico.

Na primeira estratégia de busca, que foi por título, totalizaram-se 46 publicações, destas foram selecionadas apenas 17. A segunda busca foi por palavras-chaves, da qual se obteve 40 documentos, mas apenas 14 foram selecionados. Na terceira pesquisa, referente a resumos, teve-se um resultado de 54 artigos recuperados, dos quais 14 foram coletados. E quando a busca foi pela opção de todos os campos, foram dispostas 51 publicações e, dessas, selecionadas apenas 17, tendo em vista os critérios já pré-estabelecidos. Na análise de dados, observou-se a recorrência de muitos documentos com o mesmo conteúdo, então houve uma filtragem onde foram excluídos àqueles referentes a mesma experiência e/ou projetos desenvolvidos na mesma data e no mesmo local. Além disso, só foram analisadas publicações que apresentavam atividades práticas de biblioterapia como foco principal. Assim, foram coletadas 17 publicações de caráter científico pertinentes à revisão integrativa.

Foi estabelecido para efeito expositor e investigativo a tabulação dos artigos em cinco categorias, determinadas conforme as tipologias de biblioterapia e as semelhanças referentes aos seus conteúdos. É fundamental destacar a publicação com o título “Programas de Aplicação da Biblioterapia no Reino Unido”, onde há descrição de três projetos biblioterapêuticos, sendo assim tal artigo está inserido em duas categorias diferentes: Biblioterapia clínica e Biblioterapia no desenvolvimento pessoal.

Quadro 1- Categorias temáticas da biblioterapia nos artigos analisados
(continua)

Categorias temáticas	Quantidade de Artigos
Biblioterapia clínica	6
Biblioterapia na educação básica	3

(conclusão)

Biblioterapia com universitários	3
Biblioterapia no desenvolvimento pessoal	1
Biblioterapia na terceira idade	5

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Procurando tornar a pesquisa mais visual, a avaliação dos dados e a apresentação dos resultados serão evidenciados simultaneamente, por meio de quadros e suas respectivas considerações. A primeira categoria (Quadro 2) traz seis publicações científicas com projetos de biblioterapia, voltados em sua maioria para ambientes de saúde, mais especificamente hospitais e clínicas.

6.1 Biblioterapia clínica

Nessa categoria, salientou-se a análise dos artigos que são considerados pertinentes a essa temática. Para melhor visualização é apresentado no Quadro 2 as especificações de cada publicação.

Quadro 2- Biblioterapia clínica nos artigos analisados

(continua)

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
CALDIN, C. F.	Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência.	Biblioterapia. Leitura - função terapêutica. Crianças hospitalizadas - leitura. Crianças hospitalizadas – biblioterapia. Catarse.	2002	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação
SEITZ, E. M.	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas.	Biblioterapia. Leitura. Hospitalização.	2006	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina

(conclusão)

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
SEITZ, E. M.	A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC.	Humanização da assistência hospitalar. Prática biblioterapêutica. Lazer. Biblioterapia.	2008	ETD - Educação Temática Digital
BERNARDINO, M. C. R.; ELLIOTT, A. G.; ROLIM NETO, M. L.	Biblioterapia com crianças com câncer.	Biblioterapia. Leitura – função terapêutica. Biblioterapia – câncer.	2012	Informação & Informação
ANDRADE, Lucas Veras de.; MELO, Ana Caroline Viana de	Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos.	Alice no País das Maravilhas. Biblioterapia. Literatura Infanto-juvenil. Método Cartográfico. Pesquisa-Intervenção.	2017	Informação@Profissões
LEITE, M. B.; CALDIN, C. F.	Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido	Biblioterapia. Biblioterapia de desenvolvimento. Programas de biblioterapia no Reino Unido. Literatura. Livros de autoajuda	2017	<i>Brazilian Journal of Information Science</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Os três artigos iniciais são estudos desenvolvidos no Hospital Universitário de Santa Catarina, com pacientes passando pelo processo de internação, os quais necessitam de apoio terapêutico devido ao sofrimento decorrente das enfermidades e do afastamento de seu convívio familiar. O primeiro artigo aborda o projeto de extensão “Biblioterapia” desenvolvido com crianças hospitalizadas na Divisão Pediátrica, por uma professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em colaboração com os bolsistas do projeto, estagiários de psicologia e com a psicóloga responsável pelo hospital. Nesse projeto foi utilizada

a leitura de livros como recurso terapêutico principal, porém pela pouca idade das crianças e por muitas não saberem ler, a leitura dos livros foi substituída pela contação de histórias. Caldin (2002, p. 39) declara que “o programa de leitura dirigida – biblioterapia – poderia [ajudar as crianças] a superar o medo, a angústia, a tristeza, o desalento e a ansiedade que acompanham a doença.” Já, o segundo artigo foi reproduzido pela bibliotecária da instituição, com um público-alvo composto por adultos com idades entre 18 e 50 anos. Devido a baixa escolaridade dos pacientes, a autora decidiu usar revistas e jornais, os quais eram disponibilizados para leitura; após isso, o profissional conversava com leitores. No caso daqueles que não sabiam ler, estreitava relação com eles através do diálogo, em que podiam expor suas angústias. Conforme o artigo, a receptividade dos pacientes foi muito boa, tendo em vista os seus relatos, onde pode-se identificar a diminuição do sentimento de solidão. Tais achados vêm ao encontro de Seitz (2006, p. 165):

Nos encontros, se conversava com os pacientes, procurando saber como se sentiam, e se estavam gostando de participar do estudo. Nessas conversas, eles verbalizavam seus sentimentos, e em cuja fala era possível perceber o quanto se sentiam sós e necessitados de carinho, atenção e apoio. (SEITZ, 2006, p. 165)

No terceiro artigo, a mesma bibliotecária do estudo anterior aplica outras ações de biblioterapia, diferentemente da atividade encontrada no segundo artigo, esta é empreendida junto a Unidade de Internação Cirúrgica também com acompanhantes e funcionários da área de enfermagem e assistência social. Nessa atividade desenvolveram-se sessões de biblioterapia conjuntamente com um grupo de dança, um grupo de humor e uma apresentação musical, o que auxiliou bastante no processo biblioterápico. A atividade teve resultado positivo, pois “dos acompanhantes, 90,9% afirmaram observar alguma mudança no comportamento dos pacientes, seja do ponto de vista do humor, da auto-estima e/ou socialização depois que eles participavam das atividades de promovidas pela SSM [Sala de Leitura Salim Miguel].” (SEITZ, 2008, p. 165).

Em contrapartida aos cenários dos estudos anteriores, o quarto artigo apresentou a descrição das atividades de biblioterapia do projeto de extensão “Biblioterapia com crianças com câncer, a leitura como atividade lúdica” no Hospital Municipal Infantil Maria Amélia Bezerra de Menezes em Juazeiro do Norte no Ceará por professores do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri. Na ação o uso dos desenhos foi primordial, pois as crianças ouviram as histórias e

reproduziram desenhos, levando em consideração a narrativa e seus embates emocionais.

O artigo de Andrade e Melo (2017) trouxe o relato da aplicação de biblioterapia com uma criança de onze anos diagnosticada com câncer em estado avançado. Os autores não mencionam o ambiente das sessões, porém percebendo o contexto e expressões como “paciente”, pode-se concluir que a participante estava em processo de internação. As ações implementadas estão descritas no artigo conforme a seguir: em um primeiro momento foi utilizado o desenho para estabelecer aproximação com a participante. Ela não coloriu e se retratou com expressões tristes. Depois foi lida a história de Alice no País das Maravilhas solicitando-se outro desenho a partir da obra. Aqui sim, a participante desenhou Alice deitada, fato que demonstrou a identificação e projeção. Por último, a equipe exibiu o filme relativo a história contada. Em seguida, fez a associação do enredo com o momento enfrentado pela participante, que demonstrou medo e tristeza, além de expor suas angústias. O propósito desse estudo foi alcançado, conforme Andrade e Melo (2017, p. 170) afirmam:

a leitura proposta permitiu a nossa interlocutora não só vivenciar a sua história a seu modo, como também ressignificá-la. Na medida em que enquanto terapeutas, a direcionamos a refletir o comportamento e as saídas encontradas pela personagem da obra aqui exposta para seus medos e angústias. De forma, a introjetar-se nela.

A última publicação contém três projetos, mas somente um deles se encaixa nesta categoria e, diferentemente dos outros desenvolvidos em hospitais, é uma recomendação clínica. O programa do Reino Unido denominado *Books on prescription* corresponde a um tratamento alternativo em parceria com Serviço de Saúde Nacional (NHS), que objetiva diminuir o uso de medicação em casos de depressão leve, substituindo por terapias alternativas, como a biblioterapia. Os pacientes no ato da consulta médica, recebem uma receita, a qual invés de conter prescrição para medicamentos, compreendem prescrição para livros de autoajuda disponíveis na biblioteca pública. Segundo Leite e Caldin (2017, p. 59) os materiais de leitura são escolhidos pelo médico clínico, o qual detém de uma lista com 35 livros de autoajuda, os quais foram recomendados por especialistas da área de saúde mental para pacientes com problemas psicológicos de nível leve e moderado.

Em consonância Seitz (2006, p. 166) diz que é preciso levar a rotina dos pacientes para o hospital, onde ele possa sorrir, cantar, dançar, pois as vezes essas

reações, possibilitadas por atividades de entretenimento, são o que falta para o paciente se sentir melhor consigo e dessa forma melhorar sua condição de saúde, eliminando a dor. Como o psicológico está diretamente ligado ao físico, se um não está bem, conseqüentemente o outro também não está, fato que mostra a relevância das ações de biblioterapia em clínicas médicas.

Nos estudos da categoria analisada observam-se, em geral, os efeitos positivos nos pacientes que participaram das sessões, porém não há nos artigos uma apresentação bem clara dos componentes da psicoterapia e suas aplicabilidades nas práticas. Alguns mencionam a catarse e o humor, porém não se detêm sobre elas, nem desenvolvem os outros elementos.

6.2 Biblioterapia na educação básica

Outra categoria estabelecida no estudo foi a biblioterapia na educação básica, pois, foi percebido que essa temática extrapola os muros dos ambientes de saúde, podendo ser aplicada no contexto escolar.

Quadro 3 - Biblioterapia desenvolvida na educação básica

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
CALDIN, C. F.	Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência.	Biblioterapia. Leitura - função terapêutica. Leitura.	2003	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
LUCAS, E. R. de O.; CALDIN, C. F.; SILVA, P. V. P. da.	Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso.	Biblioterapia. Contação de histórias. Literatura infantil.	2006	Perspectivas em Ciência da Informação
LIMA, D. de.; CALDIN, C. F.	Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz.	Literatura Infantil. Biblioterapia. Componentes biblioterapêuticos	2013	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Ambos os textos trazem pesquisas sobre a aplicação da biblioterapia em escolas, procurando desenvolver nos alunos o autoconhecimento de seus conflitos emocionais. No primeiro artigo uma professora do Departamento de Ciência da Informação da UFSC apresentou o projeto de extensão “Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da E.E.B. Dom Jaime de Barros Câmara” com adolescentes e adultos com idades entre catorze e vinte e quatro anos. A aplicação contou com o apoio da direção da escola e professores, e aconteciam regularmente três vezes por semana utilizando-se da leitura dirigida, contação de histórias, encenações teatrais e exibição de filmes com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os benefícios da biblioterapia foram expostos nos relatos dos alunos, os quais descreveram mudança de comportamento, reflexão sobre assuntos rotineiros e desabafos sobre incertezas e problemas pessoais. Os componentes biblioterapêuticos foram mencionados e destacados como importantes no processo para a melhor socialização e libertação de tensões decorrentes da idade.

No segundo artigo, as vivências biblioterapêuticas foram no Centro de Educação Nossa Senhora da Boa Viagem, tendo como participantes as crianças de, aproximadamente, quatro anos de idade. A biblioterapia contou com a participação de uma professora da UFSC, outra professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e uma estudante da mesma universidade, como também de uma pedagoga e de uma equipe própria da escola – professora e auxiliar de sala. As sessões ocorriam duas vezes na semana e tinham como principal instrumento leituras ligada ao mundo fantástico. Apesar da pouca idade, pode-se notar a melhoria do relacionamento com outros colegas, diminuição da timidez, maior entrosamento com a equipe de forma a compartilharem alegrias e problemas enfrentados em sua rotina e desenvolvimento do gosto pela leitura. Os elementos da psicoterapia foram descritos no relato de experiência, sendo evidenciada a sua função na biblioterapia e conferidas na análise dos encontros em que elas apresentaram as contribuições da biblioterapia.

No terceiro estudo foi contemplada a Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz em Florianópolis no estado de Santa Catarina, com a aplicação envolvendo crianças entre seis e sete anos. A responsável pela biblioterapia teve auxílio da professora da turma, desenvolvendo atividades de leituras com textos verbais e ações lúdicas, como desenhos e pinturas, para estimular a criatividade e a socialização com

o grupo. Um tópico que chamou bastante atenção foi referente aos componentes biblioterapêuticos, os quais foram descritos mais detalhadamente nesse artigo. As reações das crianças nas sessões demonstraram, nitidamente, alguns componentes como a catarse possibilitada, principalmente, pelos contos de fada.

Esse resultado ratifica as reflexões de Mousquer (2001, p. 26) ao expressar que “[...] embora o enredo não tenha semelhança com nossa vida real, os problemas vivenciados pelos personagens são parecidos com nossos conflitos pessoais, assim como pelos quais a criança vivencia”. Sendo assim, por meio da leitura as crianças desabafam sobre seus problemas, aprendem a lidar com os medos e as adversidades encontradas na sua vida, baseando-se nas ações de um personagem, o qual tem dificuldades seja numa circunstância, seja com seu oponente, mas consegue vencê-lo e conquistar a recompensa. Isso acalenta, dando ânimo e empenho na resolução de seus embates emocionais, além de incitar a imaginação e a criatividade.

Nas ações de biblioterapia dos artigos dessa categoria, os componentes da psicoterapia são alcançados, já que nos relatos a melhora da socialização entre colegas, biblioterapeuta e equipe da escola são trabalhados eficientemente a cada encontro, a cada história, como também fomentou a prática da leitura, já que as crianças mostraram-se curiosas para saber o desenrolar dos enredos e os relacionaram a momentos sucedidos no seu cotidiano, ajudando no alívio de angústias.

6.3 Biblioterapia com universitários

Do mesmo modo que as categorias anteriores, nessa também foram identificados alguns trabalhos relativos à aplicação da biblioterapia no ensino superior, conforme enunciado no Quadro 4.

Quadro 4 - Biblioterapia desenvolvida com universitários

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
BAHIANA, N. D. S. A.	A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico.	Biblioterapia. Letramento. Auto-ajuda. Terapia. Cognição.	2009	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
SOUSA, C.; CALDIN, C. F.	Biblioterapia aplicada com estudantes de biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias.	Biblioterapia. Leitura terapêutica. Atividade biblioterapêutica. Vivência. Relato de experiência.	2016	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ALVES, M. A. M.	Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de biblioteconomia da UNIRIO.	Biblioterapia. Biblioteconomia Social. Literatura. Terapia.	2017	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A categorização dos estudos apresentados no Quadro 4 foi separada devidamente da categoria anterior por ter caráter acadêmico/universitário. As ações demonstradas buscaram auxiliar estudantes cursando o nível superior na libertação de sentimentos negativos que muitas vezes surgem com a insegurança do processo de profissionalização e cobrança excessiva manifestada na fase adulta devido às responsabilidades corriqueiras no âmbito familiar, pessoal, financeiro e profissional.

Na análise do primeiro artigo percebeu-se que, embora, a autora enuncie que está aplicando a prática biblioterapêutica, em realidade o que está exposto no artigo, não contempla tal ação. Pois, a pesquisa desenvolvida não teve caráter prático, apesar do título e do resumo apresentado, o projeto ainda não foi implementado. O

que foi descrito se trata de um estudo dos usuários do 8º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Educacionais (FACE) e suas práxis de leitura.

Nesse projeto, também não foram utilizados os componentes biblioterapêuticos e a noção de biblioterapia, já que a literatura de autoajuda no projeto é indicada sem avaliação prévia da condição psicológica do leitor. Percebemos que, de fato há um equívoco, visto que “todo o processo [de biblioterapia] não se resume à designação de pessoas para um momento de leitura; antes disso há planejamento e análise da realidade dos participantes para um resultado efetivo.” (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 235). A atividade denominada de biblioterapia é realizada pela biblioteca da instituição sem qualquer mediador, onde o bibliotecário indica um item para o estudante, o que não atribui característica de projeto biblioterápico, já que segundo Bentes Pinto (2005, p. 555):

[...] a concretização de um programa de biblioterapia demanda espaço apropriado, que possa contribuir para que o leitor se expresse por gestos e palavras, e onde o biblioterapeuta possa interagir com ele, encorajando-o em suas expressões a fim de que possa encontrar respostas para seus conflitos.

O segundo artigo consta a experiência de uma estudante em colaboração com uma professora que ministra a disciplina de Biblioterapia. A vivência foi aplicada com cinco alunos do curso de Biblioteconomia da UFSC, no ambiente da biblioteca. A autora realizou quatro encontros e utilizou contos para despertar sensações relacionadas a catarse e introspecção nos participantes. Dessa forma é perceptível a exploração dos componentes da psicoterapia no decorrer das atividades, inclusive sendo mencionados em momentos específicos da prática. Os encontros foram significativos para os estudantes, pois muitos não conheciam a biblioterapia, além de reconsiderarem atitudes e pensamentos negativos decorrentes do estresse acadêmico, e refletirem sobre sua vida como um todo. Os resultados da prática com esses estudantes demonstrando sua identificação com os personagens da história, observados pela relatados por eles, evidenciaram o uso dos elementos da psicoterapia nessa ação.

Diferentemente da anterior, a terceira publicação dessa categoria, apresentou um projeto de extensão denominado “Biblioterapia em Estudo”, o qual teve o intuito de aliar teoria e práticas no âmbito biblioterapêutico. O artigo, porém não desenvolve a esfera prática, como também não se detém somente no projeto de extensão, explanando em primeiro plano a inserção de uma disciplina de biblioterapia

e seu projeto de ensino. Portanto, o aspecto central do estudo é a implantação da biblioterapia na UNIRIO.

Assim, é perceptível o quanto as ações empreendidas foram importantes para o desenvolvimento pessoal dos sujeitos envolvidos, posto que na biblioterapia os acadêmicos tiveram oportunidade de repensar, se expressar e se distrair das pressões diárias, como também de conhecer essa arte e reconhecer sua aplicabilidade no ambiente universitário, o qual está repleto de desafios e conflitos.

6.4 Biblioterapia no desenvolvimento pessoal

Conforme já mencionado ao longo desta monografia, a biblioterapia também pode ser empregada na perspectiva do desenvolvimento pessoal, conforme exposto no Quadro 5.

Quadro 5 - Biblioterapia implementada no desenvolvimento pessoal

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
LEITE, M. B.; CALDIN, C. F.	Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido	Biblioterapia. Biblioterapia de desenvolvimento. Programas de biblioterapia no Reino Unido. Literatura. Livros de autoajuda	2017	<i>Brazilian Journal of Information Science</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Os programas retratados têm peculiaridades referentes à natureza dos livros utilizados, a forma de aplicação e também aos tipos de biblioterapia, tendo por base seu objetivo. Como já mencionado na primeira categoria da análise de dados, o presente artigo demonstra três programas de biblioterapia do Reino Unido, onde um deles é voltado à biblioterapia clínica e os outros dois relacionados a biblioterapia no desenvolvimento pessoal. Eles serão abordados nessa categoria, intitulados de *Well into Words* e *Get into Reading*. O primeiro citado é um grupo de leitura, onde o aplicador da biblioterapia leva literatura para leitura, assim como lê materiais produzidos pelos próprios leitores, e depois inicia um debate acerca do assunto. Já no segundo programa a literatura clássica é usada durante as sessões tanto para promover o bem-estar emocional dos participantes, como também para estimular sua

leitura. Nas sessões o biblioterapeuta faz a leitura e instiga os membros a lerem, para posterior discussão do texto.

Ambos os programas têm cooperação com o Serviço de Saúde Nacional (NHS) e “[...] foram criados por bibliotecários ou por organizações que trabalham com a leitura e bibliotecas e executam a biblioterapia de desenvolvimento com viés clínico (focada em saúde mental).” (LEITE; CALDIN, 2017, p. 63). Sendo assim, intrinsecamente há conhecimento dos elementos da psicoterapia, os quais estão presentes no corpo do artigo apesar de não serem trabalhados com maior rigor. Com base na influência psicoterapêutica dos programas e dos resultados nas aplicações, é perceptível a sustentação dos componentes nos programas, principalmente com relação ao *Get into Reading*, onde é feita uma capacitação ao ano para o treinamento de futuros biblioterapeutas.

6.5 Biblioterapia na terceira idade

Tendo em vista a aplicabilidade da biblioterapia exposta, nessa categoria é apresentada as suas vivências na terceira idade, conforme os artigos demonstrados no Quadro 6.

Quadro 6 – A biblioterapia aplicada na terceira idade

(continua)

Autoria	Título	Palavras-chave	Ano	Periódico
PINHEIRO, E. G.	Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência.	Biblioterapia. Projeto Renascer. Lar Torres de Melo.	1998	Informação & Sociedade: Estudos
CASTRO, R. B. de.; PINHEIRO, E. G.	Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa.	Biblioterapia. Idosos.	2005	Biblionline
ROSSI, T...; ROSSI, L.; SOUZA, M. R. de.	Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Atividades terapêuticas com idosos. Atividades lúdicas com Idosas. Biblioterapia.	2007	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina

(conclusão)

JERÔNIMO, V.; ROSSETTO, A. P.; SILVA, P. R. F. da.; GONÇALVES, E.; TREIN, J. M.	Biblioterapia na melhor idade.	Biblioterapia. Catarse. Idosos. Socialização.	2012	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
FONSECA, K. H. O. da.; AZEVEDO, F.	Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga – Portugal.	Biblioterapia. Ação solidária. Envelhecimento Populacional. Trabalho Voluntário.	2016	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Ambos os estudos debatem ações biblioterapêuticas na terceira idade, sendo que quatro delas aconteceram em centros de acolhimento de idosos e um em comunidade definida pela ocupação e localização dos sujeitos.

A publicação de Pinheiro (1998) foi uma das pioneiras no tratamento com idosos, no projeto de extensão “Renascer”, aplicado no Lar Torres de Melo em Fortaleza, “com o intuito de reforçar valores e dissipar isolamento.” (PINHEIRO, 1998, p. 156). A equipe se constituiu de bibliotecários, estudantes do curso de Biblioteconomia e de Psicologia da UFC, psicólogos, médicos e assistentes sociais. Os principais instrumentos utilizados foram a leitura e a pintura, já que há cada início de sessão os idosos tinham que pintar algo de sua escolha, e depois da biblioterapia, também. Dentre os efeitos do projeto se deu a exteriorização de desejos e sentimentos por meio das pinturas, e a descontração, a qual diminuía a solidão e o estresse. Na publicação não é abordado nenhum elemento biblioterapêutico, apesar do processo de catarse acontecer, principalmente na atividade de pintura.

No segundo artigo a biblioterapia também é desenvolvida em um lar de idosos, configurado como “Associação Metropolitana de Erradicação de Mendicância (AMEM)”, no estado da Paraíba. A pesquisa transcorreu durante um mês com oito idosos, usando revistas e livros nas atividades. A adesão dos idosos à biblioterapia foi exímia, pois segundo Castro e Pinheiro (2005, p. 8) a leitura para eles é uma forma de se distanciar das dificuldades enfrentadas no momento e das emoções negativas, como a saudade dos parentes e amigos, sendo uma maneira de se projetar para outro lugar.

A biblioterapia, no terceiro artigo, ocorreu na Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE), a qual é uma instituição filantrópica prestadora de serviços à comunidade de idosos no município de Florianópolis. As autoras analisaram primeiramente seus leitores, chegando à conclusão que a maioria era semianalfabeta, levando-as a escolherem a encenação e a exibição de um show de sapateado como mediadores da sessão. Além disso, no decorrer da conversa com as senhoras, foram tocadas marchinhas de carnaval antigas, visto que de acordo com Rossi, Rossi e Souza (2007, p. 329): “a ideia inicial era dançar com as internas, mas, devido às limitações físicas e à quietude, optou-se por uma conversa sobre a encenação da peça, o show de sapateado e a vida fora e dentro da instituição.” No estudo os elementos da psicoterapia são enaltecidos na fala dos objetivos da biblioterapia, destacando seu papel e sua explicação. Tendo em vista os resultados, observa-se a receptividade das idosas, conversando sobre a rotina no SEOVE, situações acontecidas em sua vida e expressando sentimentos de saudade da família.

A quarta publicação desta categoria assevera a prática de biblioterapia com um grupo de onze idosas de um residencial localizado em Campinas, no estado de Santa Catarina. A apresentação e aplicação da atividade foi realizada por um grupo de alunos da disciplina de Biblioterapia da UFSC e pela professora ministrante das aulas, em um único encontro. Operou-se a leitura de uma crônica, em que “o público acompanhou toda a encenação com atenção e expectativa e ao final, manifestou sua alegria com aplausos, muitos risos e comentários positivos e até mesmo emocionados em alguns casos.” (JERÔNIMO *et al.*, 2012, p. 465-466). Além disso, ao som de músicas antigas se implementou uma dinâmica com alguns crachás que foram distribuídos, preenchidos e depois trocados; o objetivo foi cada um definir o dono do crachá fisicamente e psicologicamente, facilitando a socialização do grupo. A catarse é um elemento citado algumas vezes no texto, entretanto, porém, sem maiores aprofundamentos, os outros não são explorados e nem desenvolvidos no encontro proposto.

O último artigo retrata a aplicação biblioterapêutica em um lar de idosos na cidade de Braga em Portugal, por um grupo de brasileiros que estudam na Universidade de Minho e integram o projeto “Criando Sorrisos”, o qual tem a missão de realizar atividades em instituições carentes, além de ajudar com doações. Usou-se a música, o teatro e a contação de histórias na sessão com o objetivo de divertir e

facilitar o relacionamento entre os 56 idosos participantes. Estes demonstraram gostar da biblioterapia, já que “durante a despedida, todos os participantes agradeceram pelos momentos “mágicos” proporcionados pelas histórias, poemas, músicas e atividade corporal.” (FONSECA; AZEVEDO, 2016, p. 386).

No corpo da publicação os componentes da psicoterapia estavam presentes, principalmente a catarse e foram explicitados de maneira clara, apesar do diálogo não estar presente na ação. A terceira idade é uma fase delicada, pois os idosos passam a se sentir excluídos do seio familiar, alheios a sociedade e depressivos devido a solidão e a inatividade ocupacional, a qual é desenvolvida quando se aposentam. Diante desse contexto, a biblioterapia é muito benéfica para esse público, porque a leitura

[...] possibilita visão de mundo mais otimista e corrige, ainda, comportamentos “perturbados”, decorrentes da idade avançada. A biblioterapia, ao oferecer habilidades e situações diversificadas, que o idoso não tinha e outras que deseja reviver, passa a reforçar valores, a dissipar o isolamento e a oferecer ajuda no alcance da compreensão emocional e intelectual. (PINHEIRO, 1998, p. 158).

Nesta categoria, os projetos mencionados tiveram sucesso em suas aplicações, apesar de alguns não terem se detido no embasamento dos elementos da psicoterapia, tiveram sua influência para desenvolvimento das ações, as quais foram bem dinâmicas, contemplando a leitura em suas diversas formas e as particularidades de cada participante, como cultura e nível de escolaridade.

7 CONCLUSÃO

A RBI proporcionou a tabulação de artigos científicos relativos a práticas de biblioterapia disponíveis de 1972 a 2017 na BRAPCI, a qual é considerada referência na compilação de publicações da área de Ciência da Informação. O primeiro objetivo do estudo teve êxito, pois foram mapeadas as aplicações, separando-as em categorias temáticas, determinadas, conforme o tipo e a comunidade trabalhada em cada atividade, para posterior análise. Esse estudo avaliou cinco categorias: biblioterapia clínica, biblioterapia na educação básica, biblioterapia com universitários, biblioterapia no desenvolvimento pessoal e biblioterapia na terceira idade.

Na categoria “Biblioterapia clínica” foram agrupadas seis publicações, destas, cinco são relacionadas ao processo de hospitalização e uma constituída por tratamento coadjuvante à intervenção clínica. Na “biblioterapia na educação básica” desenvolveram-se três estudos, dos quais dois foram realizados com o público infantil e um deles com adolescentes. Já na categoria de “Biblioterapia com universitários”, na seleção de publicações foram escolhidos três artigos, porém, após análise, somente um preencheu o requisito da categoria. Na classe “Biblioterapia no desenvolvimento pessoal” só foi selecionado um artigo, o qual é o mesmo que inclui o projeto do Reino Unido, mas que compreende mais dois programas no país, implementados nesta categoria, onde ambos são aplicados no ambiente da biblioteca em formato de grupo de leitura. E, por último, a categoria “Biblioterapia na terceira idade”, concernente a aplicação com idosos, há cinco artigos, em que um foi um projeto implementado em Portugal, mas aplicado por estudantes brasileiros.

Levando em consideração o objetivo de analisar as formas de aplicação da biblioterapia entre os anos de 1972 e 2017, percebe-se o predomínio de projetos na área da saúde, os quais tem maior enfoque no regime de internação hospitalar, e pouca aplicabilidade com estudantes do nível superior. Apesar da biblioterapia clínica ser mais aplicada dentre os estudos, ainda é uma prática pouco desenvolvida nos hospitais, sendo mais restrita aos bibliotecários que já estudavam a técnica no âmbito acadêmico, e a professores e estudantes universitários.

Quanto ao objetivo de investigar a formação dos profissionais envolvidos nas ações biblioterapêuticas, constatou-se o predomínio de estudantes de graduação

e professores do curso de Biblioteconomia, tendo somente um estudo realizado por um professor de ensino básico e uma especialista em saúde mental. Isso exhibe a apropriação da biblioterapia por bibliotecários, os quais são profissionais que de fato deveriam estar atuando também nessa temática. Contudo, foi constatado que somente em um curso de graduação em Biblioteconomia do Brasil existe a disciplina Biblioterapia. Averiguando os currículos dos mediadores, notou-se a incidência de bibliotecários sem formação continuada nas áreas de psicologia ou terapia, o que traz à tona a discussão sobre quem pode aplicar a biblioterapia. É depreendido, com base nos resultados obtidos nos estudos analisados e nas percepções apreendidas, que o bibliotecário pode conduzir as sessões de biblioterapia desde que tenha formação continuada em psicoterapia ou ainda uma segunda graduação em psicologia. Outra possibilidade seria a implantação de projetos com a presença e participação de profissionais da psicologia ou psicoterapia, demonstrando o caráter interdisciplinar dessa temática.

Verificando a presença dos elementos da psicoterapia nas ações descritas, conforme o quarto objetivo traçado na pesquisa foi constatada a menção deles em quase todos os artigos, tendo a catarse maior incidência seguida da identificação. Porém, quando analisados os resultados decorrentes das atividades de biblioterapia, identificou-se a introjeção, a projeção e a introspecção também. Esta última sendo mais difícil de ser observada, pois grande parte dos projetos foram aplicados em uma única sessão, tornando-se impossível a concretização de ações biblioterapêuticas. Logo, percebe-se que os projetos têm embasamento nos componentes, porém de forma branda, fato que pode prejudicar ou dificultar as práticas de biblioterapia em sua plenitude, principalmente entre adultos, tendo em vista que as crianças conseguem alcançá-los com maior facilidade por meio dos textos de fantasia. É fundamental o acompanhamento, deixando explícito nas pesquisas a sua relevância, já que os componentes da psicoterapia são o alicerce da biblioterapia.

A biblioterapia é uma forma de tratamento alternativa muito benéfica, pois utiliza a leitura em seus diversos formatos como recurso terapêutico, buscando trazer a libertação de sentimentos de angústia, originados no decorrer da vida, tendo o caráter de desenvolver o autoconhecimento e possibilidades de catarse e a liberação das gestaltes. Conforme o estudo, é visível sua contribuição para diversos públicos e sua aplicabilidade em muitos ambientes, todavia foi notado a ausência de ações de

biblioterapia com detentos no sistema prisional, sejam adultos em penitenciárias, sejam crianças e adolescentes em centros socioeducativos. A prática biblioterapêutica nesses casos poderia facilitar na sua reinserção social, na qualidade emocional e no incentivo à leitura, como opção de entretenimento e esquecimento da realidade.

Portanto, a pesquisa teve pertinência para os estudos de biblioterapia desenvolvidos por autores brasileiros, visto que expôs os projetos implementados: seu embasamento teórico, maneira de aplicação e leitores estudados, como também demonstrou quais setores sociais ainda estão a margem do foco das ações. Além disso, contribuiu para a área de Biblioteconomia, mostrando a pertinência da interdisciplinaridade e formação continuada para condução biblioterapêutica, tendo em vista que os profissionais lidam com pessoas com culturas, histórias de vida, personalidade, sentimentos e pensamentos diferentes, fato que demonstra a necessidade de uma preparação terapêutica ou cooperação com profissionais da psicologia para sua aplicação.

Ressalta-se ainda, que, embora a revisão bibliográfica integrativa ainda não seja utilizada com maior presença nos estudos da Biblioteconomia, constata-se que a sua prática pode trazer contribuições importante para a área, a exemplo do estudo aqui exposto a respeito da presença dos elementos da psicoterapia nas aplicações dos estudos referentes a biblioterapia publicados na BRAPCI.

Finalmente, considera-se que este trabalho tem caráter inicial, sendo dada continuidade em nível de pós-graduação, tendo em vista a necessidade de se aumentar os conhecimentos acerca das práticas biblioterapêuticas por bibliotecários, principalmente no quesito psicoterapêutico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, v. 15, n. 1/2, p. 54-60, jan./jun. 1982. Disponível em: < http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2018.
- ANDRADE, Lucas Veras de; MELO, Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Informação@Profissões**, v. 6, n. 1, p. 162-163, jan./jun. 2017. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/59598>>. Acesso em: 23 maio. 2018.
- ARAUJO, Monica Martins Trovo de; SILVA, Maria Júlia Paes de. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. **Rev. esc. enferm. USP**. São Paulo, v. 41, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n4/17.pdf>>. Acesso em: 17 maio. 2018.
- BARTOLIN, Sueli; SILVA, Sandra da. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 52-74, jan./jun. 2016.
- BENTES PINTO, Virginia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005.
- BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Biblioterapia com crianças com câncer. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012.
- BEZERRA, Gesiane Ferreira. **Biblioterapia: uma análise da contribuição bibliotecária junto às crianças com câncer**. 2011. 47 f. Monografia (Curso de Biblioteconomia). Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/233/1/GesianeFB_Monografia.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- _____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001.
- _____. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Enc. Bibli: R. Eletr de Bibliotecon. e Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 38-54, 2002. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11526> >. Acesso em: 22 maio. 2018.
- CAMPOS, Gisela Pincowska Cardoso. **O processo de leitura: da decodificação à interação**. Disponível em: <

<http://faculdadeobjetivo.com.br/arquivos/oprocessodeleitura.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13503>>. Acesso em: 29 maio. 2018.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e Ciência da informação: natureza e relações. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.

FERREIRA, Neilia Barros; GUEDES, Mariana Giubertti. **A importância da biblioteca e da biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia**. 2008. 132 f. Monografia (Departamento de Ciência da Informação e Documentação). Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/650/1/2008_NeiliaFerreira_MarianaGuedes.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira; AZEVEDO, Fernando. Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga - Portugal. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/46013>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 29-41.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 26-50.

GUEDES, Mariana Giubertti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). 2013. 187 f. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13659/1/2013_MarianaGiuberttiGuedes.pdf>. Acesso em: 07. mar. 2018.

GUEDES, Mariana Giubertti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr. 2013.

JERÔNIMO, Viviane *et al.* Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/41468>>. Acesso em: 29 maio. 2018.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 11, n. 3, p. 53-65, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/58754>>. Acesso em: 26 maio. 2018.

MAGALHÃES, Michelle Cristina; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. Biblioterapia: uma síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **Biblios: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, p. 5-27. 2015.

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. **A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência**. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares). Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2302/1/Cristina%20Maltez.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>>. Acesso em: 06 maio. 2018.

MOUSQUER, Patrícia. **Biblioterapia na escola de educação infantil: estudo de caso na E.M.E.I. Ilha da Pintada**. 2011. 164 f. Monografia - Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31143/000782358.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 maio. 2018.

NORONHA, Loiana Simões. **A importância da biblioterapia com crianças internadas em hospitais**. 2013. 52 f. Monografia (Graduação) - Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1996.

PINHEIRO, Edna G. Biblioterapia para o idoso projeto renascer: um relato de experiência. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 8, n. 1, p. 155-163, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13848>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

PINTOS, C.G. **A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 22.

OUAKNIN, Marc-Alain. A biblioterapia? In: _____. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 11-27.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **R Esc. Bibliotecon.**, UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

RIBEIRO, Gizele Rocha. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

ROMAN, Arlete Regina; FRIEDLANDER, Maria Romana. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à Enfermagem. **Cogitare Enferm.**, v. 3, n. 2, p. 109-112, jul./dez. 1998.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2006. 83 f. Disponível em:
<http://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/APARECIDA_LUCIENE_RESENDE_ROSA.pdf> Acesso em: 28 mar. 2018.

ROSSI, T.; ROSSI, L.; SOUZA, M. R. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n. 2, p. 322-340, 2007. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11237> >. Acesso em: 29 maio. 2018.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: ACB, Habitus, 2006.

SEITZ, Eva Maria. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina - HU/UFSC. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 9, n. 2, p. 145-169, jun. 2008. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/5943>>. Acesso em: 23 maio. 2018.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./ jul. 2006. Disponível em:
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11218>>. Acesso em: 21 maio. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pesquisa exploratória, pesquisa explicativa. In: _____. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 123.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099/21313>>.

Acesso em: 07 jun. 2018.

SOUZA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013. **Anais...** Florianópolis: Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários, 2013. p. 3340-3355.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106. 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2018.